

# A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO \$20 — AFRICA \$30 — ESTRANGEIRO \$50

N.º 48 (138) — 10-2-924

Redactor principal:

António Teixeira

Editor:

António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA

RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO

CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:

José Rodrigues Reboredo

Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

## Um congresso... nada radical

O congresso do partido radical teve tódas as características dum congresso parlamentar. Chegamos a ter a impressão de que já vivíamos sob os auspícios duma situação radicalista.

No referido congresso, ao qual conseguimos assistir, houve comissões para tudo: os congressistas não discutiam as teses, com certa profundidade de conhecimentos; limitavam-se a ouvi-las, raras vezes com tódá a atenção, e a coroá-las com uma salva de palmas. Depois, os trabalhos baixavam ao estudo... das comissões de estudo — e estava tudo feito.

No que o congresso foi mais fértil e mais retumbante foi no grande chuveiro de discursos. Os políticos das outras agrupações partidárias fôram todos considerados uns bandidos, uns criminosos, uns saqueadores, os quais, aliados às forças do ólho vivo acoitadas em quantas empresas e companhias para aí existem, causaram tódá a ruína política, económica e social em que vivemos. Tudo um bando de incompetentes e de ladrões — o que, aliás, já todos nós o sabíamos...

Sabido, porém, que o partido radical, salvo uma ou outra carêta que anda esperaçada no providencialismo dos «novos» salvadores, surgiu do descontentamento dos outros partidos, não por uma questão de princípios, que jamais os radicais tiveram, mas por ficarem à margem das situações privilegiadas, que não puderam adquirir, visto a escudela não chegar para todos — e em que se distinguirá o novo partido «avançado» da política republicana das outras nuances partidárias?

Todos andam ao mesmo. Os outros partidos queimaram-se, porque não cumpriram nenhu-

ma das suas promessas espetaculosas de outros tempos. Abandalharam-se e tornaram-se tiranos, porque as funções autoritárias, estatais e capitalistas de que se serviram para governar, a outro resultado não os podiam conduzir.

O partido radical pode considerar-se já falido — já porque o gróssó dos elementos componentes é constituído por foragidos, por camaleões, do partido democrático, já porque êle procura pastorear o povo português com o mesmo cajado da ditadura governamental, apoiada na ponta das baionetas. Pode, para dar umas aparências de constitucionalidade, presentear-nos com um parlamento de sua feição, com um parlamento todo radical...

Tomando por base o último congresso efectuado no teatro Carlos Alberto, retalhado por agitações contínuas, por zarzatices quâse permanentes, seguindo-se mais as simpatias personalistas do que as ideias de felicidade humana — e não estamos já daqui a antegosar as «touradas» formidáveis do congresso legislativo dos radicais, tratando de tudo concernente às suas clientelas, menos da miséria do país?

Nós ouvimos, nas explosões patrióticas que por vezes estrugiam no congresso do teatro Carlos Alberto, proclamar «entusiásticamente» a liberdade... republicana. E por ocasião da eleição do directório, nós presenciámos como essa liberdade... de consciência republicana se afundou tam vergonhosamente... A flôr do partido radical demonstrou na tremenda desordem caciqueira que se levantou, a qual durou uma tarde e uma noite completas, todos os vícios hereditários de que está possuída.

No congresso estava o escol do partido que se propõe manejar a vassoura da moralidade, esgrimir a espada da justiça, lançar a boia de salvação ao proletariado escravizado. E no entanto, a grande maioria dêsse escol partidário, em furibunda divergência quanto à escolha dos seus «eleitos» do coração... amigo, desencadearam a mais fenomenal tempestade de berreiros tam desconexos que parecia atirar com o teatro a terra. O partido, naquele momento, pôz a descoberto todo o espirito tolerante, respeitoso, livre dos seus homens, dos seus correligionários. Esfrangalhando-se em grupos, em partiditos pescoais os mais variados, intentava já fazer a experiência da conquista do poder... pela conquista das urnas em que se empenharam os seus congressistas, a fim de reciprocamente se inutilizarem as eleições...

Devemos concordar que esta acção de politiquice rasteira e tumultuosa foi a mais retumbante anulação de tódas as afirmações de liberdade, igualdade e fraternidade feitas durante o barulhento congresso...

No congresso radical exteriorizou-se a vontade, que passou ao quadro das deliberações de se adoptar assim uma espécie de programa trabalhista — programa, aliás, que já vem dos tempos anteriores à revolta do 31 de Janeiro. Com êle procura o partido radical agradar aos avançados, chamar a si a influência do partido socialista e inquietar no seu c.rpo a borbulha comunista, absorvendo-a...

Para «já», o dito partido reconheceu a República russa, isto é: o direito dela se governar como entender, de perfiar o regime político que quiser. Mas fá lo por uma necessidade «comercial» que o seu govêrno de amanhã procurará atender. Por essa mesma necessidade «comercial» é que reconhece também a monarquia reaccionária do país vizinho, ou outro...

Para o «futuro», fica entendido que os capitalistas terão

de repartir os lucros pelos trabalhadores, que os comerciantes não poderão roubar tanto como agora, que o povo será mais convenientemente «assistido» — havendo protecção às mulheres, às crianças, aos velhos, aos doentes, aos inválidos...

Estas reformas democráticas, já em vigor em alguns países com resultados tam reduzidos — será aqui algum dia viável com o triunfo do partido radical? Mas o partido radical — observá-no-lo no congresso — tem no seu seio o germen da desconfiança mútua: falou-se em traidores, e ainda êle está na opposição...

Mas o partido radical tem nas suas fileiras capitalistas, industriais, militares profissionais — os quais, não bolindo, nem de perto nem de longe, no sistema burguês, deixarão ficar de pé todo o edificio parasitário da sociedade oligárquica.

O partido radical, pois, não se propõe remodelar profundamente o estado capitalista. Pensa em teoria, para se guindar aos ombros das massas operárias ludibriadas, introduzir-lhe umas ficções para enganar meninos e dar uma esmola aos pobres para entreter a miséria...

O verdadeiro radicalismo só será um facto quando as classes trabalhadoras abolirem o Estado e sua engrenagem e, por intermédio dos seus organismos produtores e consumidores, tomar conta directa da gestão social.

Só então será livre e viverá feliz. Tudo o mais é um grande embuste, o eterno embuste... já decifrado no congresso radical, que faliu vergonhosamente...

## OS SOLIDÁRIOS

Reune, hoje, êste Grupo pelas 15 horas, no local do costume. Espera-se a comparência de todos os membros, em consequência dos assuntos que há a resolver.

## Alegria... e negócios

A vinda do presidente da república à segunda capital do país, veio encher de júbilo o tripeirinho valente! O caso, também, não era para menos, dado o grande réclamo da viagem régia, e dada a propensão que a massa ignara nutre por festas, morteiros e fungas.

Assim, escovando o fato adormecido ao canto da caixa, espanejando o chapéu um tanto ou quanto desabado e enchendo as botas de pomada a tresandar a água-rainha, o nosso tripeirinho desceu, na última segunda-feira ao povoado, para, numa apoteose verdadeiramente homérica, dar um brilho incomparável à chamada «recepção oficial».

Destarte, no momento em que o estralejar dos foguetes e o businar das cornetas em luta aberta e encarniçada com as «notas» dos instrumentos musicais lhe anunciaram a consumação do facto, isto é, a entrada triunfal do novo messias, adentro do burgo, o tripeirinho, esquecendo tudo o que podia e devia entristecê-lo, exultou de contentamento.

Nada teríamos que objectar a esta alegria *esfusante* se o povo, quando chamado a pronunciar-se sobre os gravíssimos problemas que o afectam, acorresse da mesma maneira. Mas, sabido como é, que o povo, quando se trata de defender interesses comuns, comparece sempre numa insignificante minoria, nós não podemos deixar passar este momento sem que façamos cair sobre ele o bisturi da nossa crítica.

O gesto do povo, associando-se às festas em honra duma personalidade que representa a seiva da finança, do capitalismo, do industrialismo e do comercialismo rapace, não procedeu bem. E não procedeu bem porque as festas da burguesia não deviam interessá-lo, nem sequer distraí-lo.

Em todos os momentos da sua vida, o povo devia olhar sómente para a sua misérrima situação. Se assim tivesse procedido sempre, excusava de sofrer aquilo que sofre. A vida está cara; não há habitações; não há higiene onde era necessário que a houvesse; os salários, na maioria dos casos, são ínfimos — e não chegam para acudir às necessidades mais urgentes. E, para estas coisas que o povo havia de volver os seus olhos; para es-

tas coisas que o povo havia de emprestar a sua presença, os seus gritos, o seu protesto, o seu entusiasmo delirante, não quere saber delas: — espera, confiante, da acção dos messias, o doce maná... celeste!

Pois bem: em vez de festeiro devia ser revoltado; em vez de messiânico, devia ser consciente; em vez de submisso às ordens e às vontades daqueles que o exploram, devia ser rebelde. E teria tudo quanto necessitasse.

O espectáculo do povo, nestes últimos dias, entristeceu-nos. E mais nos entristeceu, quando os negociantes — os ladrões legalizados, aproveitando o momento, elevaram o preço às coisas mais indispensáveis à vida, sem que o mesmo povo erguesse um protesto por mínimo que fosse.

A alegria do povo degenerou num excelente negócio para aqueles que têm um balcão armado e defendido por uma guarda pretoriana. E o povo, na sua cegueira, no seu entusiasmo por ter no seu seio um «hóspede ilustre», nem sequer deu por ela. Embriagado ao som da *portuguesa*, o que quer é divertir-se, fazendo rir os burgueses e todos os agentes de negócios.

Quanto mais proveitoso não seria para ele fazê-lo pensar... nos seus crimes, nas suas ladrocinhas e nos seus latrocínios...

Mas, para isso, torna-se indispensável que o povo não cuide de festas, antes se preocupe com aquilo que directamente lhes diz respeito: a sua emancipação económica, política e social.

## DO QUE SE SABE

### UM BOM EXEMPLO

Numa revista alemã encontra-se descrito o emocionante facto que passamos a reproduzir:

«Por cima do portão do salão exterior da casa Krupp, em Essen, através do qual recentemente as balas dos soldados franceses atravessaram os corpos dos trabalhadores alemães, quem quer pode ver a marca de uma bala que merece ser conservada como um monumento da humanidade. «Quando o oficial deu ordem aos soldados para fazerem fogo contra a multidão, alguém viu um dos doze soldados fazer a pontaria alta, por cima

da cabeça dos homens ali reunidos, ao mesmo tempo que onze tombavam para sempre sobre a calçada junto ao portão.

«Como os outros soldados, ele obedeceu às ordens de fogo; mas ao mesmo tempo ele cumpriu os ditames da sua consciência que lhe segredava: «Tu não matarás!» Lembra-te que os homens e as mulheres em frente de ti são seres humanos que têm mães, esposas e irmãos como tú. Nasceram noutros países, falam linguagem diferente, mas eles são teus camaradas — teus irmãos — e têm o mesmo direito a viver que tu tens!

«Soldado desconhecido, com o teu acto tú salvaste a honra do teu povo, num terrível momento. O teu desconhecido camarada morto está glorificado em Paris. Ele morreu para que nunca mais houvesse guerras sobre a terra. «Obrigados te estamos a ti por isso, a ti desconhecido soldado francês, em Essen. O teu monumento está na marca da tua bala por cima do portão da casa Krupp — e nos nossos corações.»

Este acto que um povo reconhece glorifica como heróico, tem muito de grandioso e de sublime. Nas circunstâncias em que esse homem se encontrava, sob a pressão férrea das ordens militares, exposto a sofrer os rigores ferozes da dura disciplina caseira, era preciso que uma vontade e uma consciência fosse muito forte e educada como a desse desconhecido para poder deixar de fazer o que outros mandavam e só obedecer as suas convicções próprias.

Podendo num momento matar, aniquilar vidas, ele preferiu não matar, ter todos os homens como irmãos, para talvez, um dia, os poder abraçar num largo amplexo fraternal e humano. E a este homem que um povo glorifica pelo seu nobre acto, ninguém e conhece e todos o ignoram.

Vejam todos os que se julgam adeptos duma propaganda pelo facto se já alguma vez haviam pensado que o simples acto de não querer matar nem ferir, tivesse tanta retambância e fosse tam apreciado por uma população que o glorifica.

Daqui se depreende que se o melhor meio de fazer triunfar quaisquer teorias não é o de as impôr pela força das armas: implicitamente deve ser pela recusa formal de fazer uso delas, sobretudo quando, como neste caso, elas só iam dizimar iguais

## E lá continuam...

Sim! E lá continuam encerrados nas masmorras malditas do país vizinho os nossos camaradas Manoel J. de Sousa e Manoel da Silva Campos!

Porquê? Ah! Os caprichos dos ditadores são detestáveis.

Aqueles dois camaradas não cometeram nenhum delito. Das averiguações a que as autoridades procederam não resultou nenhuma prova criminosa contra eles. No entanto, a catúrrice dos mandões, a soberba e a magestade imbecil dos governos de *chinquico*, não querem saber dessas coisas para nada: mandaram-nos prender, e entendem que os devem ter, ali, de conserva pelo tempo que muito bem lhes der na santa gana.

Esta situação é, em extremo, detestável. É necessário agir, mas agir de maneira que esses camaradas sejam restituídos já, ao convívio dos seus camaradas e ao carinho das suas famílias.

O proletariado português, por conta de quem eles foram a Espanha cumprir resoluções do congresso da Covilhã, não deve esquecer estas duas vítimas da ferocidade do governo e das autoridades de Espanha; e não os deve esquecer, porque isso seria dar provas duma falta de carácter a toda a prova.

Visto que eles, indo a Espanha, iam como delegados desse mesmo proletariado, olvidar a sua situação e permitir que tripudiem sobre os direitos dos homens, é dar fôça aos bandidos que se arrogam o direito de mandar em tudo e todos. E, até hoje, não nos consta que o proletariado português se prestasse a semelhante papel.

Pois bem: o momento reclama uma acção enérgica. Empreguemo-la, e teremos cumprido com o nosso dever, arrancando das masmorras inquisitoriais espanholas duas vítimas do ódio tórvo dum ditador e dumas autoridades que são dignas émulas dele.

Vá, operários! Não esqueçais os vossos companheiros de trabalho e de sofrimento.

Os irmãos dos que faziam uso delas. Nem sempre «a ocasião faz o ladrão», e sempre certas oportunidades, por mais arriscadas que se apresentem, servem para pôr os caracteres à prova. O exemplo deste soldado é bem edificante para se atentar nele.

M. H.

## Vulgarizações

## Solstício do Inverno

A Trindade Católica — Pai, Filho e Espírito Santo — O Sol, o Fogo, o Ar — Savistri, Agni, Varju.

É tam vasto o assunto que, difficilmente, se poderá, num simples artigo, descrever uma infinitésima parte dos disparates e fantasias da imaginação dos povos antigos, que a observação dos fenómenos astronómicos lhes sugeriu, mercê da sua falta de conhecimentos científicos.

Ainda hoje a maior parte da humanidade se acha envolvida na obediência ao padre e no temor à divindade imaginária, tal é o veneno e o preconceito religioso, que, difficilmente um sêr se desprende de tam perigosa teia, sobretudo quando a ignorância e os recursos lhe não permitem vêr e aprender pelo estudo.

Um dos fenómenos astronómicos que mais favoreceu e continua a favorecer a imaginação do povo, é o Solstício do Inverno, a 25 de Dezembro.

Para a religião católica e demais religiões, é o nascimento do Deus menino que em igual data se celebria, ou o Natal e Festa da família para os carólas e messias republicanos.

O Sol desce todos os anos, em Dezembro, ao trópico de Capricórnio, passando pela constelação da Serpente, (grupo de estrelas) e de aí os persas imaginarem o Sol ou deus brilhante, ou ainda «Ormuz» em luta contra Ahriman (o deus das trevas) figurado por uma serpente, que vem a ser a «constelação da serpente». Nada mais, nada menos que um fenómeno astronómico.

Em toda a parte os mesmos disparates, com diferentes nomes, mercê da diferença de línguas.

Na Babilónia chamavam «Bel» ao seu deus das trevas e do mal; e, para lhe acalmarem as fúrias, untavam-lhe a estátua com sangue de rezes sacrificadas em holocausto. O monumento estava constantemente coberto de moscas.

Os Babilónicos davam à mosca o nome de Z buth, razão porque o «B.l» (ou deus do mal), daquele povo, se ficou chamando «B.lz buth», como pronunciam quando oram os nossos beatos e beatas, para afugentá as iras do «demónio», (deus maligno dos católicos).

O Sol em Dezembro, depois de ter descido o máximo, torna a subir, sugerindo este fenómeno astronómico a comédia do nascimento do deus menino.

\*\*\*

Pai, Filho e Espírito Santo — eis a trindade da religião cristã, a mais grosseira, falsa como todas as outras, nada apresentando de novo, pois que, já antes da era cristã, se venerava esta trindade, embora com outros nomes e formas.

Já mesmo a cruz era conhecida e venerada muitos séculos antes da era cristã, sendo mesmo deificada, representando a «Swastica», ou instrumento mais perfeito para produzir o fogo.

O homem, sobre a terra, começou pelo estado selvagem, sem habitações, padecendo frio e fome; andava nú, precisando de lutar com as feras para as matar e arrancar-lhes a pele para se cobrir. Só o sol o acariciava: só esse era o seu espírito bom.

Muitas vezes teria o homem visto pedras faiscantes, e nisso veria manifestações de divindade, que traduziria segundo a sua fantasiosa imaginação.

Um dia conseguiu fazer fogo friccionando dois paus em cruz. Fazendo fogo as feras retiravam-se e não o atacavam; por isso este se considerava sob a égide de um filho da divindade.

A «Swastica» ou cruz aperfeiçoada, que girava, devido ao movimento duma correia, inflamava «maias» ou ervas secas metidas num orifício, havendo atrito com um cone de madeira que existia interiormente.

Era com a «Swastica» que se acendia o fogo nos templos de Apolo, de Minerva, de Ceres, de Júpiter, Ammon; e, na Alemanha ainda assim se fazia o fogo nos fins do século dezoito.

Sem ar, isto é, sem sopro, não pode existir fogo.

Os índios, por exemplo, adoravam «Savistri» (o Sol), «Agni» (o fogo), e «Varju» (o ar, ou sopro). E aqui temos nós a trindade a que os católicos dão o nome de Padre, Filho e Espírito Santo.

O fogo foi considerado filho único de deus (o Sol) ou (Savistri); sendo faúlha, consideraram-no um sol-menino, filho do primeiro.

«Cristo» vem a ser o fogo. As ervas e «maias» secas que se introduziam no orifício da «Swastica», para se tornarem mais combustíveis, eram untadas com óleo e licôr.

Cristo ou Kristna, quer simplesmente dizer: untado ou un-

gido. O fogo foi, pois, filho da maia ou maria, isto é, da erva.

A primeira faísca que saltava da maia ou da erva seca, era a natividade. Era o menino.

Os sacerdotes antigos aplicavam essa faísca à palha para que surgisse finalmente o fogo.

Ainda hoje os nefastos padres, dizem que o menino Jesus, (f-úlha), ao nascer, se deitou numas palhas...

Depois do aparecimento do fogo, traziam a vaquinha que dava o leite, o burro que transportava o licor ou óleo. Nessa ocasião (Dezembro), está subindo ao nosso horizonte a constelação (grupo de estrelas) do «Presépio». E aqui temos a razão grosseira e parva porque os padres e beatas afirmam que o menino está deitado sobre palhas num «Presépio», em companhia de uma vaquinha e duma mula ou burro.

Completa ainda o quadro aquele sacerdote fempunhando um leque, abanando o menino (o fogo), para que dando-lhe o ar (Varju, ou Espírito Santo) se não apagasse.

Ainda há vestígios e existem nos museus preciosas relíquias que nos confirmam estas hilarantes fantasias.

Em Hissarlik (Asia Menor), foi encontrada uma figura da época da idade de bronze, que representa a magia, em forma de mulher nua, tendo sobre o órgão genital representada a «Swastica».

Para se comprovar de como na antiguidade a mitologia era consagrada aos fenómenos astronómicos e mostrar que hoje apenas os nomes foram mudados, continuando-se na cega adoração dos astros, é interessante comparar este mito indico com o Credo da igreja romana: «Creio no Deus-Pai omnipotente (Savistri), criador do céu e da terra, — e em Jesus Cristo seu único filho, luz da luz, (Agni), que não foi criado, mas gerado, consubstancial ao pai, que desceu do céu, — que foi concebido e nasceu no seio de virgem Maria (maia) pela operação do Espírito Santo que reanima a vida (Varju), que procede do Pai e do Filho, que é adorado e glorificado com o Pai e o Filho».

A identidade é frisante. Veio tudo isto a propósito da tradicional bambochata da festa da família e do menino, em que todos os proleas se esforçam por ter unia excepcional ceia, tendo passado um ano inteiro de fome e privações, em contraste com a vida sempre em festa do burguês.

ORLANDO TEIXEIRA.

## RURALS DE CABEÇO DE VIDE

## Resposta ao Questionário do Grupo «O SEMEADOR»

1.º — Estamos convencidos que a terra nos pertence, visto que somos nós que cavamos, que lavramos e semeamos, etc. Os rurais desta localidade cultivarão a terra em comum, não a dividindo entre si, porque isso seria uma das maiores asneiras sob o nosso ponto-de-vista;

2.º — Existe aqui um bom número de rurais convencidos das vantagens do comunismo anarquista, porque é o que mais nos satisfaz. O nosso sindicato tem um conselho técnico autorizado a organizar uma Comuna Agrícola, que servirá de exemplo, e que, com a lição dos factos, arraste para as nossas ideias os espíritos mais renitentes. O sindicato está autorizado a fornecer-lhe o número de alfaías agrícolas e hectares de terra na sua área;

3.º — A intenção dos camponeses da nossa localidade para com os operários das cidades, é esta: — durante a revolução serão recebidos de braços abertos como irmãos de trabalho;

4.º — Os habitantes das cidades que, após a revolução, para aqui se dirijam afim de organizar comunas agrícolas, serão recebidos de braços abertos, porque são camaradas mais autorizados do que nós; e, nós, rurais, não temos as habilitações necessárias para desempenhar esse lugar. — O Conselho Técnico da Associação dos Trabalhadores Rurais de Cabeço de Vide.

TRABALHADORES! Lede:

O princípio do fim

por Ricardo Mella

Preço, \$10.

A venda nesta Redacção

## CORREIO DE «A COMUNA»

AMÉRICA—Reinaldo Martins.

Recebemos um cheque de 8 dólares, cuja importância vamos enviar ao camarada Carrascalão.

LISBOA—Joaquim Gonçalves.

Manda-nos a tua direcção, porque precisamos de te escrever.

TROVISCAL—J. Dias Baptista.

Recebemos um jornal e uma carta.

PORTO—A. Pereira David. Recebemos 2\$05.

## SINDICADOS

## E SINDICALISTAS

Nestes últimos tempos, muito se tem dito e escrito a propósito do significado destas duas palavras que algumas criaturas pretendem apresentar como sinónimos. Eu, que pouco conheço destas coisas, vou, segundo o meu modo de ver, *dividir* a acção duns e doutros, para demonstrar que sindicato é uma coisa, e sindicalista é outra.

Começarei por dizer que o simples sindicato, embora faça parte da grande massa organizada, não tem ideologia dentro do Sindicato, visto que, do Sindicato, podem participar todos os indivíduos, quer sejam católicos, republicanos ou socialistas. A missão compreendida por estas criaturas reside, apenas, em pagar as suas cotas, assistir, de vez em quando às assembleias gerais e esperar que os corpos directivos iniciem movimentos de reclamação para lhes minorar a sua situação económica. Dada a recusa do patronato, é proclamada a greve; e, no auge do entusiasmo, todos veem para a luta, batalhando valentemente—tendo-se mesmo verificado que, muitas vezes aparecem, no meio da massa amorfa, ardorosos combatentes; mas, também, o que logo se verifica, é que, terminado o movimento, esses «grandes lutadores» desaparecem, porque a causa determinante da sua revolta já tinha terminado.

Isto refere-se, porém, aos simples sindicatos. Porque, para os sindicalistas militantes, a missão que lhe está destinada é muito outra: dentro e fora do seu Sindicato, a sua primeira preocupação é velar pela intangibilidade dos princípios que norteiam a organização sindical, elevando simultaneamente ao máximo a consciência dos componentes da sua indústria, tanto moral, como social, como profissionalmente. Além disso, o militante, deve, também procurar imprimir aos movimentos grevistas o máximo de revolucionarismo consciente, fazendo conhecer aos trabalhadores os motivos da sua organização; e que a constituição dos Sindicatos não se destina unicamente à defesa das oito horas de trabalho e à elevação dos salários, mas sim às grandes conquistas sociais, que consistem na abolição pura e simples desta sociedade baseada no princípio da propriedade privada e na exploração do homem pelo homem, e na expropriação da terra e dos instrumentos de

trabalho. E a um sindicato que se entretém apenas a olhar para este esforço ingente com uma indiferença que causa dó, poderemos, em boa verdade, chamar-lhe sindicalista? Não; sindicalista só o pode ser aquele que pensa num ideal, que sente a dôr alheia, que luta intemeratamente pela transformação rápida e imediata desta maldita organização social...

Eu estou convicto que quem não sentir isto não poderá, com amor e desinteresse, defender a liberdade, nem o bem-estar das massas oprimidas e escravizadas, que, a despeito de estarem sindicadas, jamais alcançarão a sua felicidade se a sua consciência se não abrir à apreensão dos conhecimentos sociais, conhecimentos que lhe mostrarão novos horizontes, novas fontes de luz.

E, dizendo isto, creio que não erro ao dizer que sindicato não é o mesmo que sindicalista...

JÚLIO DE CAMPOS.



(Janeiro de 1924)

ASSINATURAS

Recebidas directamente

*Porto*—M. da S. Aricote, 1\$60; F. Gonçalves, 3\$65; M. Azevedo 10\$00; M. Oliveira, J. da Silva, J. C. Rainha, 3 a 2\$00, =6\$00; A. Leão e A. G. Pimenta, 2 a 2\$50, =5\$00; M. Moreira, 4\$00. *Lisboa*—J. Marques, J. R. Aparício, A. Freitas, J. P. da Silva e A. de Castro, 5 a 5\$00 =25\$00; Czar de Castro, M. A. Bibiano, A. Dias, M. Ramos, A. Filipe, A. N. Canha, J. da Fonseca, D. Severino, C. Ferreira, L. Oliveira, C. Ferreira, J. P. da Silva, J. M. Machado, J. B. Jonatas, J. P. dos Santos, R. S. Monteiro, F. Rafael, A. Pires, A. S. Macias, 19 a 2\$00 =38\$00; F. Gonçalves, 3\$00; J. F. P. e S. de Aguiar, 2 a 2\$50=5\$00. E. B. Infácio 2\$25; P. S. Fernandes 1\$65; J. dos Santos, 1\$60. *Alhadás*—V. Lopes, 4\$00; I. Ferreira, 4\$60; C. Ferreira, 4\$40. *Anadia*—M. F. Tomé, \$80. *Barcarêna*—J. Domingos, 2\$50. *Chancelheiros do Douro*—A. A. Moreira, 8\$00. *Ciborro*—J. Bento, 2\$60. *Evora*—E. Carvalho, 3\$00; E. A. Matias, 1\$00. *Extremoz*—A. N. Colau, assinatura de F. S. Conceição 1\$00. *Figueira da Foz*—J. M. Pinto, 2\$50. *Folgosa*—M. F. Lucena, 7\$60. *Golegã*—T. Rodrigues, T. Amorim, J. Veríssimo, 3 a 2\$00=6\$00. T. R. Sucena, 1\$00. *Grândola*—J. Borges Matos, 5\$00.

*Maia*—A. S. Fafiais, 3\$00; J. Vieira, 2\$00 e M. O. Sá, 5\$00.

*Moita*—J. S. Graudo, 2\$05.

*Pésinho*—L. M. Carvalho e M. C. Marques, 2 a 5\$00=10\$00.

*Pias*—M. C. Corrêa, 5\$00; R. R. Galinha, 6\$00; A. B. Borges e J. J. Sargento, 2 a 4\$00=8\$00.

*Póvoa de Varzim*—Sá Júnior, 4\$00.

*Setubal*—A. A. Amieiro, 4\$00, e S. S. Fonseca, 1\$00.

*S. Braz de Alportel*—A. M. Pinto, 3\$00.

*Veios*—A. Costa, 4\$00.

*Vila da Feira*—A. Gomes, 2\$00.

*Vila Franca de Xira*—Manuel Campino, 2\$05 e Associação dos Rurais, 2\$05; Raul Lourenço, 2\$00.

*Vila Nova de Gaia*—J. B. Diniz, 2\$00 e A. N. A. Pinheiro, 10\$00.

*Angra do Heroísmo*—A. Mendonça, 2\$50; V. G. dos Santos, 2\$50 e E. M. Sousa, 3\$50.

*Africa*—A. R. da Silva, 4\$00.

*América*—A. Ferreira, 29\$00;

J. Roque, 29\$00; A. R.drigues, 29\$00; J. Monteiro, 29\$00; A. Almeida, 38\$00; G. B. Tavares, 89\$70 e A. J. Coelho, 59\$60.

*Vigo*—M. T. boada, 17\$50.

Soma, 581\$25.

AGENTES

*Porto*—Grupo «Os Isolados» 10\$00; Leolino, 20\$00; Grupo «Sem Deus nem Amo», 41\$00; Grupo «Sem Deus nem Pátria», 22\$40; Artur G. França, 24\$36; Venda nos quiosques e tabacarias, 66\$70; Venda na redacção, 8\$40; M. Fortunato, 4\$00. *Lisboa*—Correia Barreira, 8\$00; Manuel Goma, 1\$50; J. de Campos, 7\$60; R. berto Lima, 32\$00; A. M. Vinhais, 28\$80; Quiosques e tabacarias, 215\$90. *Barcarêna*—M. Pinheiro, 11\$80. *Cabeço de Vide*—Associação dos Rurais, \$80. *Chamusca*—A. L. Cardador, 20\$10. *Carvalhos*—Alexandre Sanhudo, 6\$00. *Fronteira*—Associação dos Rurais, 6\$00. *Mina de S. Domingos*—Liber, 53\$85. *Penafiel*—J. de Sousa, 20\$00. *Póvoa do Varzim*—Antero Ferreira, 14\$00. *Setubal*—Alvaro Simões, 99\$00. *Vila do Conde*—Grupo «A Plebe», 4\$65; *Valença do Minho*—Artur J. Santos, 17\$00. *Brasil*—Vitorino Correia, 50\$00; Rodolfo Filipe, 100\$00; J. é U bano, 15\$00. Soma, 908\$86.

SUBSCRIÇÃO VOLUNTÁRIA

*Porto*—Bito, 15\$00; A. Magalhães, \$50; Matosinhos, 2\$00; P. Silva, \$50; U nonónimo, 1\$10; Venda dum jornal, \$50.

*Lisboa*—Correia Barreira, 2\$00; Grupo «O Semeador», 7\$50; Alberto Dias, 3\$00; Grupo «Terra Livre», 2\$00; Ilho P. Silva, 1\$00. *Evora*—Eleutério Carvalho, 1\$50. *Moita*—J. S.

Graudo, 5\$00; A. Alexandre, 5\$00; C. Tamanqueiro, 2\$50. F. F. Avelar, 2\$50; Dinheiro achado 1\$50. *V. N. Gaia*—J. B. Diniz, 1\$00. *Africa*—C. C. Perdigão, 12\$00. *América*—A. Almeida, 12\$00; A. Ferreira, J. Roque, A. R.drigues e J. Monteiro, 4 a 3\$10=12\$40.

Soma 90\$50.

DESPEZA

Composição dos n.ºs 43, 44, 45 e 46 . . . . .	792\$00
Impressão, idem . . . . .	320\$00
Papel, idem . . . . .	505\$00
Papel para provas e estragos . . . . .	11\$20
Papel para 600 reclamações . . . . .	7\$50
Impressão dos meses . . . . .	30\$00
Selos para os n.ºs 39, 40 41, 42 43, 44, 45, e 46, e para cobrança, postais, etc. . . . .	608\$75
Electricidade . . . . .	21\$48
Aluguer de casa . . . . .	20\$00
Papel de carta . . . . .	14\$00
Um Frasco de tinta . . . . .	6\$00
Carretos . . . . .	4\$00
Ráfia . . . . .	3\$90
Carimá . . . . .	1\$80
	<hr/>
	2.345\$63

RESUMO

Receita deste mês . . . . .	1.580\$61
Saldo do mês anterior . . . . .	414\$05
	<hr/>
Total da receita . . . . .	1.994\$66
Despesa . . . . .	2.345\$63
	<hr/>
Deficit para o mês seguinte . . . . .	350\$97

## NÚCLEO DA JUVENTUDE

## SINDICALISTA DO PORTO

Reuniu, na última sexta-feira a C. A. deste Núcleo. Sobre um officio da F. J. S. houve grande e acalorada discussão, sendo resolvido responder-lhe que a boa vontade do Núcleo do Porto em fortalecer a organização juvenil, não nos permitia estar de acôrdo com os considerandos do referido officio.

A seguir resolveu-se levar à prática uma série de Veladas Sociais, sendo a primeira nos dias 8 e 9 de Março próximo. Essas Veladas constarão, especialmente, de conferências por diversos militantes, concurso de fados e quermesse.

A C. A. lembra a todos os jovens que desejem aprender o Português e aprofundar a calligrafia, que se encontra aberta a respectiva inscrição, todos os dias úteis, das 20 às 23 horas; e que o secretário administrativo recebe, aos sábados, durante o mesmo tempo, as cotas de todos os agremiados que as queiram pagar.